

O gulag e a literatura de gulag: um balanço das pesquisas

ANDREA GULLOTTA ¹

O ANO 2017 marca o centésimo aniversário da Revolução Russa. Ela é recordada em várias partes do mundo com eventos e exposições que, frequentemente, provocam debates acesos sobre a oportunidade de recordar (ou, em alguns casos, comemorar) um evento que esteve na base de um regime totalitário, capaz de “abalar o mundo” por bem mais que os dez dias narrados por John Reed (1919). Entre os temas suscitados pelo debate, também figura a natureza repressiva do regime soviético, e especificamente a notável quantidade de cidadãos presos, exilados, aprisionados nos gulags, fuzilados ou falecidos em circunstâncias causadas pelo estado soviético.¹ Esse dado, em si, parece confirmar que, à distância de cinco lustros desde o fim da URSS, ainda seja difundida a convicção de que o gulag e as outras formas de repressão soviética fossem, na verdade, devidos a eventos gerados durante o stalinismo. A historiografia recente, por sua vez, demonstrou amplamente como o gulag representou uma etapa da evolução do emprego da violência de estado na terra russa depois de 1917. As prisões de massa na sequência imediata da revolução, as violências resultantes da guerra civil, a criação de campos de concentração improvisados, o nascimento da Tcheká e a continuação de ações repressivas mesmo após o término da Guerra Civil foram acontecimentos ocorridos sem solução de continuidade. Eles levaram à superpopulação dos cárceres e dos campos soviéticos e à criação, em 1923, do “laboratório” do gulag, o “campo de destinação especial” nas ilhas Solovki.² Nele foram testados os métodos de utilização do trabalho forçado de prisioneiros para sustentar o desenvolvimento econômico do estado soviético que seriam depois aproveitados por Stalin para criar o complexo de campos de concentração administrados por uma nova instituição, precisamente o GULag,³ necessário para a industrialização do país.

Esses acontecimentos, hoje comprovados por numerosos documentos de arquivo, parecem não ter a difusão necessária entre o público, não obstante o tema da repressão soviética ter estado no centro de numerosas pesquisas praticamente desde Outubro. É difícil especificar um momento inicial da pesquisa sobre a repressão soviética. Já desde as primeiras publicações de obras sobre o tema, fora das fronteiras soviéticas (refiro-me, por exemplo, às memórias dos fugitivos dos campos publicadas bem no começo dos anos 1920), a imprensa ocidental acolheu resenhas, comentários e ensaios que, do ponto de vista atual, assemelham-se mais a momentos isolados de reflexão do que a inquirições cien-

tíficas verdadeiras. Até mesmo aquele que hoje parece ser o primeiro trabalho crítico sobre os campos soviéticos, *Un bague en Roussie rouge*, de Raymond Duguet (1927) [Uma prisão na Rússia vermelha], é demasiado impressionista na abordagem da questão, e não fornece uma base científica ao tratamento dos textos citados (predominantemente, memórias dos fugitivos do campo de Solovki), ainda que, apesar de tais imperfeições metodológicas, o livro de Duguet continue a causar impacto pela minúcia na reconstrução de alguns detalhes relativos ao campo de Solovki, só confirmados por documentos de arquivo décadas depois. O “impressionismo” é um dos principais limites desse tipo de publicação. Outro limite considerável emana do faccionismo político dos autores, que frequentemente influi de maneira decisiva nas análises dos textos ligados à repressão soviética durante todo o período 1917-1991. Isso já fica evidente no primeiro livro dedicado ao terror vermelho, *Krásnyi terror v Rossii* (1918-1923) [O terror vermelho na Rússia (1918-1923)], de Serguei Petróvitch Melgunov (1924), membro proeminente dos “cadetes” (os que pertenciam ao Partido Social-Democrata Russo), mas também nos comentários presentes na imprensa dos países ocidentais por ocasião da publicação de notícias ou de livros relativos à repressão soviética. Basta citar, a título de exemplo, a resenha do livro de Boris Cederholm (1928) *Au pays du Nep et de la Tchéka* assinada por Edoardo Pantano, na qual o autor conclui o seu texto sobre as memórias do sobrevivente finlandês com as palavras: “as utopias comunistas sofrem um grave golpe vindo desta narração de atrocidades documentadas, se, contudo, ainda exista alguém que creia de boa fé na possibilidade de sua realização” (Pantano 1929, p.50).

A dificuldade de especificar um momento inicial para a pesquisa sobre o gulag se repete, em geral, na pesquisa sobre a literatura ligada aos campos soviéticos. Em ambos os casos, o advento do degelo – no caso específico da literatura de argumento concentracionário, o *terminus post quem* é representado pela publicação de *Odin dien Ivana Deníssovitcha* em 1962 (Soljenítsyn 1962) [Um dia de Ivan Deníssovitch] – e o começo da experiência da dissidência soviética (e dos canais de publicação alternativos) forneceram terreno fértil para a elaboração de estudos baseados em uma consciência crítica maior. A publicação de uma outra obra de Soljenítsyn, *O arquipélago GULag* (Soljenítsyn 1974), conseguiu retirar de modo definitivo o véu de silêncio sobre a realidade dos campos soviéticos e, de modo mais amplo, sobre toda a máquina repressiva estatal da URSS. Se um debate sobre a existência de um sistema repressivo na terra dos soviéticos estava ativo praticamente desde o começo da própria Revolução de Outubro, o livro de Soljenítsyn, graças a uma série complexa de fatores, logrou penetrar em um público leitor de dimensões mundiais e concluir o processo de revelação da tragicidade e das instâncias de repressão. Tal processo foi conduzido para além das fronteiras soviéticas pelos emigrados russos antes da Segunda Guerra Mundial, levado ao *front* interno pelo discurso de Khruschiov, por ocasião do XX congresso do PCUS, e impulsionado pela publicação de *Um dia de Ivan Deníssovitch*, pelo eco internacional cada vez maior das ações dos dissidentes e pelo evidente

e crescente endurecimento das autoridades soviéticas nos anos 1960, do qual o próprio Soljenítsyn se torna vítima, passando em pouco tempo de candidato ao Prêmio Lenin de literatura a emblema de oposição ao regime soviético.⁴

No que concerne a literatura concentracionária, o primeiro trabalho capaz de reunir o tema em uma óptica global foi o livro de Mikhail Iákovlevitch Geller (1974), *Konsentratsiónnyi mir i soviétskaia literatura* [O mundo concentracionário e a literatura soviética], publicado em Londres em 1974. O estudo de Geller, que se abre com uma discussão sobre o sistema repressivo da URSS, do qual o autor analisa origens, peculiaridades e bases filosóficas, passa em exame a evolução da literatura de argumento concentracionário, desde os primórdios da literatura soviética (desse período, Geller analisa a fundo, no terceiro capítulo, [ibidem, p.134-51], a obra de Górkí e, em particular, a escrita coletiva do livro *Belomórsko-Baltískii kanal ímeni Stáлина. Istóriia stroitelstva 1931-1934 gg.* [O Canal Stálin do Mar Branco-Báltico. História da construção, 1931-1934] sob direção de Maksim Górkí, Leopold Averbakh e Semión Firin (cf. Górkí; Averbakh; Firin 1934) àqueles que eram os últimos desdobramentos na época de elaboração do livro. Geller tem o mérito de ser um dos primeiros críticos a captar a importância da obra Varlam Týkhonovitch Chalámov (ibidem, p.281-99) e de Vassíli Semiónovitch Grossman (ibidem, p.206-8 e 329-33), em um período no qual a obra dos dois escritores ainda não era examinada por crítica e público.

Dois anos depois do lançamento do livro de Geller, Iúri Vladímirovitch Maltsev (1976) publicou em Frankfurt o livro *Vólnaia rússkaia literatura (1955-1975)* [A literatura russa livre], uma análise da literatura que circulava em samizdát na União Soviética. O crítico teve sucesso em descrever as principais correntes, inclusive aquelas da memorialística do gulag e, de modo mais geral, das obras de tema concentracionário. A obra de Maltsev, contudo, mesmo com o mérito de inserir as obras da literatura do gulag em um quadro mais amplo, não se descola da grande massa de escritos ensaísticos publicados em numerosos países do Ocidente naqueles anos com o intuito de sistematizar o magma incandescente vazado pelas crateras subaquáticas do samizdát e do tamizdát. Eram, portanto, ensaios, inevitavelmente descritivos e pouco analíticos.⁵

Depois da publicação dessas obras, que representam uma primeira tentativa de elaborar uma visão de conjunto dos textos ligados à repressão soviética, veio um período de pausa relativa feita pela crítica literária, que voltou, ao longo de pouco mais de uma década, a produzir um panorama fragmentário constituído por ensaios centrados em autores individuais. Em paralelo, a pesquisa sobre a repressão focava sua atenção, no mais das vezes, nos acontecimentos contemporâneos e nas batalhas dos dissidentes, com exceções significativas.⁶

O advento da era gorbatchioviana coincidiu com uma fase especial das pesquisas. Os temas da repressão em território soviético eram objeto de uma sensibilidade pública diferente, motivada pelo clima político alterado e fomentada pela publicação, na URSS, de um número notável de obras antes proibidas

pela censura. A pesquisa parecia acompanhar a onda emotiva surgida no público leitor e proporcionava estudos fragmentários, até que veio a abertura dos arquivos, um acontecimento que, para além de fornecer uma quantidade considerável de documentos históricos fundamentais, permitiu o início de uma fase extraordinária de indagação histórica, em detrimento de outras áreas de interesse ligadas à repressão soviética.

Se, com efeito, sobre a base dos documentos de arquivo foram publicados livros fundamentais para a reconstrução da história repressiva soviética na esfera literária,⁷ durante a primeira metade dos anos 1990 saíram na imprensa trabalhos de simples divulgação que tiveram o mérito de difundir no grande público numerosos aspectos históricos e socioculturais do gulag, mas não encorajavam um esforço de sistematização crítica do material recolhido.⁸ Se avaliarmos as publicações dos anos 1990, podemos afirmar que, enquanto os historiadores conseguiram reconstruir, com base nos documentos obtidos nos arquivos, um quadro cada vez mais definido da história da repressão soviética, em outras áreas não se criou uma base sistemática e um contexto crítico exato.

Foi na virada do milênio que o quadro da pesquisa mundial sobre a repressão soviética mudou radicalmente. O descontentamento veloz do público russo com o passado repressivo soviético provocou um *gap* consistente entre a produção editorial dedicada ao assunto e a recepção dos leitores. Apesar do início de publicação das extraordinárias coletâneas de documentos do *Mejdunaródnji fond "Demokrátia"* [Fundo Internacional "Democracia"], o interesse sobre os temas da repressão decresceu, graças também ao comportamento ambíguo (quando não claramente contrário) das instituições centrais nos confrontos dos "mediadores de memória" operantes sobre os temas da repressão soviética. As publicações vindas do exterior contrapuseram-se à situação, e foram lançados dois marcos do estudo do gulag e da sua literatura: *Return from the Archipelago*, de Leona Toker (2000), e *Gulag: A History* de Anna Applebaum (2003).

Leona Toker foi a primeira a propor um esquema interpretativo unitário da literatura gerada pela experiência dos campos soviéticos com o objetivo de estudar suas qualidades narrativas. Ao lado das análises amplas e aprofundadas da obra de Chalamov e Soljenítsyn, o livro de Toker propõe uma primeira reflexão sobre o *corpus* da literatura do gulag (no segundo capítulo, "The literary corpus"), uma teorização, de molde estruturalista, das memórias do gulag como gênero literário (terceiro capítulo: "Gulag memoirs as a genre") e uma exposição das obras ligadas à repressão soviética e ao gulag, mas não diretamente aos campos stalinistas (oitavo capítulo: "In the wake of testimony") (Toker, 2000, p.28072, 73-100, 210-48).

Em 2003, Anna Applebaum publicou *Gulag: A History*, uma obra capaz de recolher em um único volume, com um extraordinário esforço de síntese, a história inteira dos campos soviéticos – documentada judiciosamente com base em materiais de arquivo e documentos de outra natureza (como memórias e en-

trevistas) – e de obter um excepcional sucesso de crítica e público. O livro venceu prêmios numerosos (entre os quais o Pulitzer para obras de não ficção), foi traduzido em mais de vinte línguas (inclusive o russo) e alcançou praticamente todos os cantos do planeta.

O enorme sucesso do livro de Applebaum teve o mérito de dar nova seiva à pesquisa sobre o gulag, que viveu nos últimos anos um verdadeiro renascimento, caracterizado, como se escreveu acima, pela capacidade de indagar aspectos novos do universo concentracionário (e, de modo geral, repressivo) soviético. Trata-se de um momento capaz de ultrapassar, com cerca de uma década de atraso em relação à *arkhívnaia revoliútsiia* (revolução dos arquivos), a fase de metabolização dos novos dados provenientes dos arquivos e evoluir para novas frentes também de um ponto de vista metodológico. É, por exemplo, o caso do livro *The whisperers: private life in Stalin's Russia*, de Orlando Figes (2007), uma tentativa de lidar com o material memorialístico de maneira inovadora, criando não tanto uma reconstrução histórica dos eventos quanto uma autêntica reelaboração narrativa sobre a época do terror stalinista a partir de uma base documental. Uma tentativa de grande impacto no público, mas colocada em disputa em razão do excesso de liberdades do autor no uso do material, liberdades que provocaram um verdadeiro rebuliço, arrematado com o distanciamento por parte da Memorial.¹⁰

A pesquisa sobre a repressão soviética tem conseguido propor chaves de leitura inovadoras. Refiro-me, em especial, ao livro *Death and Redemption*, cujo autor, o historiador Steven A. Barnes (2011), consegue libertar-se de esquemas opositivos simplistas e preconcebidos e analisa o sistema penal soviético como uma instituição voltada para a efetiva reinserção dos elementos “redimíveis” na sociedade soviética. Ele coloca em discussão a vulgata que vê o gulag como uma mera máquina de morte. Hipótese discutível – ainda que bastante fundamentada pelo autor – mas que dá testemunho de um clima diferente sobre os temas da repressão soviética: como prova adicional desse fato, nos últimos anos editores ocidentais importantes promoveram a publicação de dois textos particularmente controversos e interessantes, pois escritos não por vítimas do sistema dos campos, mas por membros da administração: refiro-me ao discutido *Gulag Boss*, de Fedor Vassílievitch Mochulsky (2011), publicado pela Oxford University Press em 2011, e ao *Diario di un guardiano del gulag*, de Ivan Tchistiakov (2012), publicado em 2012 na Itália pela Mondadori.

A área de estudos anglo-saxã é uma das mais prósperas na pesquisa sobre a repressão soviética. Nos Estados Unidos nasceu a única revista acadêmica ocidental inteiramente dedicada ao estudo do gulag: trata-se de *Gulag Studies*, publicada desde 2008 pelo editor Charles Schlacks Jr. sob direção de Olga M. Cooke. Apesar de sua difusão limitada, a revista logrou propor numerosos estudos sobre o gulag, investigando, por exemplo, as artes no gulag, a importância da ciência e a memória.¹¹

O tema da memória se reveste de importância particular no panorama da pesquisa sobre a repressão soviética graças à grande quantidade de projetos e iniciativas dedicadas ao tema da memória da repressão, sobretudo no âmbito da União Europeia. Ela iniciou o programa de ação 4 “Active European Remembrance” e com ele incentivou o desenvolvimento de projetos de pesquisa transnacionais sobre esses temas. Esses esquemas de financiamento proporcionaram, em 2010, o surgimento do projeto “Memory at War”. Graças à parceria entre as Universidades de Cambridge (que guia o projeto com a supervisão de Alexander Etkind), Bergen, Groningen, Helsinki e Tartu, a memória das vítimas das repressões na Rússia, Polônia e Ucrânia foi pesquisada.

A memória está na base de um outro projeto de importância extraordinária, os *Archives sonores - Mémoires européennes du goulag*,¹² que propõem (em quatro línguas: francês, inglês, polonês e russo), sob a égide do Centre d'Études des Mondes Russes, Caucasiens et Centre-Européen (Cercec)¹³ uma quantidade notável de memórias orais sobre o gulag, resultantes do trabalho de coleta, de 2008 a 2011, de 31 entrevistas de sobreviventes dos campos. Como coroamento das ações dedicadas no âmbito europeu, há a criação, em 2011, da “Plataforma da memória e da consciência europeia”,¹⁴ um organismo surgido da colaboração entre numerosas associações e instituições operantes sobre o tema da memória, muitas das quais criadas para preservar a memória das vítimas da repressão soviética.¹⁵

Houve outros financiamentos europeus que tiveram efeitos benéficos: com a colaboração de ONG russas e europeias, o grupo de trabalho sobre memória e sociedade da plataforma EU-Russia Civil Society Forum recentemente propôs uma exposição, intitulada “Different wars”, sobre a representação da Segunda Guerra Mundial nos livros escolares de diversos países. A mostra foi exposta em várias cidades europeias.¹⁶

A Rússia não ficou só observando a multiplicidade de iniciativas, embora tenha mantido quase intacto o hiato existente entre as pesquisas sobre a repressão soviética e a sensibilidade popular, que era diretamente proporcional ao hiato existente entre as instituições centrais e os mediadores de memória. E é precisamente ao principal mediador de memória, a associação e centro de estudos Memorial, que se deve uma quantidade extraordinária de iniciativas. É da sede petersburguesa da Memorial (e da contribuição de alguns pesquisadores, sobretudo Josephine von Zitzewitz) que surgiu o Museo virtuale del gulag,¹⁷ uma reunião *online* de objetos de museu e materiais de arquivo provenientes dos quatro cantos da Rússia e colocados à disposição dos usuários. A sede moscovita da Memorial, por sua vez, promoveu muitas exposições e projetos de grande relevo, como *Topográfia terrora* [Topografia do terror] e *Posliédnyi áдрес*¹⁸ [O último endereço].

Entre as atividades da Memorial constam as publicações e conferências (para ficar no contexto petersburguês, as *Tchtênii pámiati Veniamina Iofe* [Pa-

lestras em homenagem a Veniamin Iofe], intituladas *Pravo na ímia: biográfii XX viéka* [O direito ao nome: biografias do século XX]) e o trabalho contínuo de pesquisa que, vale observar, não é exclusivo da Memorial. Não se pode deixar de mencionar, entre outras, a atividade de Anatólii Iákovlevitch Rázumov e do *Tsentr vozvrashchiónnnye imená*, capaz de publicar todo ano muitos volumes de martirólogos contendo os nomes das vítimas das repressões escavados nos arquivos,¹⁹ e o trabalho de outros historiadores como Iúri Dmítриев, pesquisador incansável de fossas comuns na Karélia e da história do Belomorkanal, e recentemente vítima de uma perseguição judicial.²⁰

Em paralelo, a atividade editorial dedicada ao tema da repressão soviética continua a ser intensa. A editora moscovita Rosspen (*Rossíiskaia politítcheskaia entsiklopédiia*), que em 2005 iniciou a publicação, em sete tomos, de uma das coletâneas de documentos mais importantes dedicada ao gulag, a *Istóriia stá-linskogo Gulaga: koniets 1920-kh - piérvaia polovina 1950-kh godóv; sobrânie dokumientov v 7 tomakh* (Afanássiev et al., 2004-2005) [História do Gulag stalinista: de fins dos anos 20 à primeira metade dos anos 50; coleção de documentos em 7 tomos], tomou a iniciativa, juntamente com o *Fond piérvogo Prezidenta Rossii B. Iéltsyna*, da série *Istóriia Stalinizma v 100 tomakh*, nascida com o intuito de difundir no território russo as principais pesquisas desenvolvidas no mundo. O acordo foi assinado em 2008, concomitantemente ao primeiro congresso sobre a história do stalinismo. Foi um evento de grande importância, pois representou o primeiro momento de reflexão científica de alto nível sobre os temas da repressão na Rússia desde os tempos da perestroika. Ele contou, entre as entidades organizadoras, com uma inesperada mescla de participantes dedicados à pesquisa sobre o stalinismo (como a Memorial e a própria Rosspen) e instituições estatais (o GARF e a RAN). Uma mescla similar foi decisiva para a criação do novo Museu da História do Gulag de Moscou, financiado pelo estado e realizado graças à contribuição da Memorial e da Vozvrashchénie.²¹

Apesar dos esforços gerados, há a nítida sensação de que a maior parte da pesquisa sobre a repressão soviética é produzida fora das fronteiras russas. A Itália não destoa dos países em que essas temáticas são pesquisadas. Ao longo dos anos, ela conseguiu acompanhar as tendências engendradas em outros países. O trabalho da Memorial Itália, uma costela da associação russa, promoveu a publicação de obras de relevo nos mais importantes canais de difusão editorial, tanto de textos literários quanto de ensaios, a começar pelo fundamental *Reflections on the Gulag*, coletânea de ensaios e de documentação sobre a repressão aos italianos na URSS, publicado pela Feltrinelli em 2003, em inglês, e que destacava a exigência de se fazer referência a um contexto crítico mais vasto (Dundovich; Gori; Guercetti, 2003). Ademais dessas pesquisas de traços tradicionais, a Itália foi local de publicação de obras capazes de vislumbrar para além das exposições já consolidadas pela pesquisa histórica. Dois livros, em especial, suscitaram atenção: um peculiar ensaio narrativo sobre o campo de Solovki, *L'epoca tre-*

menda (Ciampa, 2010), uma miscelânea de *fiction* narrativa e pesquisa histórica que propõe um procedimento similar ao de Figes; e *La vita in uno sguardo* (Dell’Asta, 2012), que oferece uma abordagem visual do tema da repressão. Trata-se de uma galeria de rostos derivados das fotos de fichamento dos condenados a morte, acompanhadas por breves informações biográficas. Se o resultado não parece ir muito além de uma intuição feliz, e certamente falta-lhe um esforço de síntese adequado ao desafio hermenêutico lançado, a proposta dos curadores merece atenção pela originalidade e pelo impacto no leitor, e confirma a capacidade da Itália em propor resultados de pesquisa de primeiro nível.

Vale observar, para evitar equívocos, que em outros países a pesquisa sobre a repressão soviética e sobre o gulag radicou-se com mais profundidade. A tradição de estudos de países como os Estados Unidos ou a Alemanha (mais que em contextos nos quais a pesquisa sobre esses temas é, em todo caso, muito forte, como a França ou o Reino Unido) é sem dúvida mais prestigiosa e duradoura. Já se falou da *Gulag Studies*; porém, ao lado da revista, a quantidade de publicações oriundas dos Estados Unidos sobre temas ligados à repressão soviética é considerável.²² A presença de tais temas em programas acadêmicos e congressos é maior também em função da obra de certas fundações e centros de estudos como a Hoover Institution da Universidade Stanford, que organiza há anos um *workshop* sobre regimes totalitários. A esses nomes prestigiosos se juntou, em 2013, o Jacques Rossi Gulag Research Fund, da Georgetown University, inaugurado com um congresso intitulado “The Soviet Gulag: New Research and New Interpretations” (25-27 de abril de 2013), cujos anais foram publicados em um número especial de *Kritika*.²³

A discussão na Alemanha é diferente. Ali, a presença de importantes centros de pesquisa (sobretudo o “Forschungsstelle Osteuropa” de Bremen) e de associações voltadas ao assunto (como “Memorial Deutschland” e o “Lew Kopelew Forum” de Colônia) não basta para explicar a massa extraordinária de obras dedicadas à repressão soviética. É de perguntar se a tradição de estudos sobre o trauma – e sobre o Holocausto em particular – não forneceu um *background* de densidade maior às pesquisas, que brilham pela importância e originalidade dos resultados obtidos. É o caso, por exemplo, de Jörg Baberowski, autor aclamado de numerosos livros sobre o stalinismo,²⁴ e de Karl Schlögel, autor de estudos estimulantes sobre a conexão entre espaço e tempo, aplicados de modo proveitoso ao estudo do gulag e do terror.²⁵ São também notáveis as iniciativas acadêmicas como o congresso *Composers in the Gulag under Stalin* (Göttingen, 16-19 de junho de 2010) e *Geschichte(n) des Gulag – Realität und Fiktion* (Heidelberg, 20-22 de março de 2010). Este último congresso se distinguiu pela multiplicidade e pela audácia das novas abordagens e temáticas propostas, sobretudo na área mais atrasada de estudos sobre a repressão soviética: a literatura do gulag. A publicação dos anais em livro tornou-se um acontecimento particularmente interessante para os estudos sobre a matéria.²⁶

O quadro acima descrito evidencia um grave atraso por parte do universo da pesquisa no estudo da literatura de âmbito concentracionário. Diferentemente do que aconteceu com a pesquisa histórica depois da publicação do livro de Anne Applebaum, o estudo de Leona Toker permaneceu como uma tentativa isolada (e visivelmente parcial) de propor uma análise ampla da literatura do gulag. A grande massa de estudos sobre o tema se caracterizou pela fragmentação e falta de penetração.²⁷ Isso levou à produção de um certo número de estudos relevantes, mas também ao fracasso da criação de uma tradição de estudos forte, como aconteceu, por exemplo, com a literatura gerada para outros contextos históricos traumáticos, como a literatura do Holocausto ou a do Apartheid. As atividades dos estudiosos ficaram restritas às margens da pesquisa sobre o conjunto da literatura russa.

Na verdade, é difícil encontrar uma contestação dos esquemas críticos estabelecidos a respeito do século XX russo. É um dado surpreendente, à luz da importância da dimensão repressiva na obra e mesmo na biografia de uma multidão de autores cuja relação com a repressão (não somente a prisão e o gulag, mas também a censura, o silêncio editorial, as intimidações etc.) não parece adequadamente estudada a nível textual e contextual. A falta de uma visão unitária capaz de reelaborar a acepção crítica do século XX russo mediante a relação com a repressão soviética é perfeitamente justificável. Nas palavras de Sarah J. Young, “há um bom motivo para se dizer que, para uma parcela significativa do século XX, a literatura do Gulag e a literatura russa são praticamente idênticas”.²⁸ Além disso, a guetização da literatura do gulag em relação ao resto da literatura russa do século XX parece se desfazer diante de uma série de questões: seria possível separar a literatura do gulag da literatura que trata da repressão soviética (Akhmátova, Trífonov, Dombróvski)? Quais são os limites do *corpus* da literatura do gulag? Existe um modelo interpretativo que possa explicar o impacto da dimensão repressiva sobre os textos na literatura russa do período soviético? São perguntas que permanecem sem resposta e potencialmente explosivas.²⁹

Uma tentativa de sistematização deste *mare magnum* veio, nos últimos anos, da província russa, daquela Ivánovo onde Leonid Taganov propõe o estudo da *potaiónnaia literatura*,³⁰ um conceito que abarca toda a literatura clandestina russa, mas que, no meu entender, não parece adequado às especificidades da literatura do gulag. Os estudos de Taganov tiveram, contudo, o mérito de encontrar um fio condutor entre a literatura do gulag e o resto da literatura russa, bem como o de investigar alguns de seus aspectos menos conhecidos, sobretudo a poesia do gulag. E aqui se abre uma outra página: o estudo da literatura do gulag é marcado em escala mundial por numerosas *biélye piatna*,³¹ pois ignora quase totalmente certos aspectos fundamentais, como a poesia do gulag, a literatura publicada no interior dos campos e a questão do gênero literário de várias obras de tema concentracionário.³²

O centenário da Revolução Russa pode representar uma ocasião importante para ampliar a reflexão sobre as consequências de Outubro e sobre a relação entre literatura e Estado a partir de uma óptica mais abrangente, que englobe também a questão da literatura nascida sob pressão da violência de Estado. Parece necessário reconsiderar o cânone da literatura do gulag e contemplar a hipótese de englobarmos as obras ligadas à repressão soviética que apresentam características estilísticas comuns e as obras que hoje não são consideradas pertencentes ao *corpus* da literatura do gulag, como a poesia mental criada dentro dos campos. Uma perspectiva global poderá trazer benefícios à definição de um campo da literatura russa do século XX que é quantitativamente importante e que produziu algumas das maiores obras do legado literário russo. A questão parece particularmente relevante em um momento no qual a resistência oferecida por esquemas interpretativos consolidados deixa claramente visível a lacuna existente no percurso da pesquisa sobre a literatura do gulag – é possível falar de “pesquisa sobre a literatura do gulag” dispondo-se de um único exemplar de estudo crítico abrangente? Um momento que, à luz das últimas publicações e iniciativas acadêmicas, sugere o ingresso em uma dimensão de *now or never* que promete desdobramentos futuros (e atraentes).

Notas

- 1 Refiro-me, por exemplo, ao Holodomor, a fome provocada por Stalin, que causou milhões de vítimas. Veja-se, a respeito, Conquest (1986).
- 2 O campo de Solovki e, em particular, a cena cultural e a literatura publicada na imprensa do campo, é objeto de um estudo de minha autoria, no prelo (Gullotta, 2017), ao qual remeto o leitor para aprofundamentos eventuais.
- 3 Sigla de Glávnoe Upravlénie Lagueriei (Direção Geral dos Campos). A instituição foi criada em 1930 para administrar, sob a égide de uma única instituição central, a expansão dos campos de concentração em toda a União Soviética.
- 4 Para os acontecimentos aqui citados, ver Medviédev (1973).
- 5 É o caso, por exemplo, da antologia *Lettérature russe clandestine*, organizada por Jean-Francois Revel, autor de um breve prefácio. O livro também publica, entre outros, trechos de Soljenitsyn e Vladímir Bukovski (cf. Revel, 1971). [Samizdat é a literatura clandestina circulada na URSS pós-stalinista; tamizdat é a literatura clandestina publicada fora da URSS (N.T.).]
- 6 Entre esses, vale mencionar: Medviédev (1979).
- 7 Entre esses, também o monumental *Raby svobody* (Chentalínskii, 1995), uma obra redigida com base na documentação recolhida pelo autor nos arquivos então recém-abertos, e capaz de reconstruir o destino de uma quantidade notável de escritores que foram objeto da repressão.
- 8 A editora Vozvrashénie começou a publicar no começo dos anos 1990, sob direção do sobrevivente do gulag Semión Samuílovitch Vilenski, recentemente falecido. A atividade editorial da Vozvrashénie foi voltada, desde o início, à publicação de obras relacionadas à repressão soviética e, recentemente, a libros direcionados a um público jovem, inclusive alguns manuais escolares. Nos primeiros anos, a Vozvrashénie publicou antologias de poesia do gulag, memórias inéditas, romances e contos de tema con-

- centracionário. Nos mesmos anos noventa saiu uma série de trabalhos (Bakhtin, 1994; Korallov, 1995; Tikhanova, 1998) notáveis pela quantidade de dados oferecidos ao público, mas não particularmente interessantes no que diz respeito à contribuição ao discurso crítico sobre a cultura do gulag, muito embora Bakhtin (1994) contenha, para além de trechos de memórias e reflexões preliminares, alguns ensaios de valor indubitável. Nesse período, dominado por publicações de caráter divulgativo ou informativo, foram produzidas também pesquisas de alta qualidade, como a monografia sobre a imprensa do gulag, de autoria de Alla Gorčeva (Gortcheva, 1996). Na mesma época apareceu, no exterior, a excelente monografia de Natália Kuziakina sobre o teatro do campo de Solovki (Kuziakina, 1995). O tema da imprensa do gulag foi estudado em uma monografia recente, cf. Fischer von Weikerstahl (2011).
- 9 O fundo é ligado à figura de Aleksandr Iákovlev. A série de publicações do Fond Demokrátiia produziu vários títulos, dentre os quais se destacam algumas coletâneas de documentos de importância fundamental, capazes de questionar (ou fornecer base documental para tanto) aspectos diversos, inclusive a ecologia e o poder soviético (V. I. Ponomareva, A. O. (Org.) *Ekológiia i vlast'. 1917-1990*, Moscou, Mejdunaródnii fond Demokrátiia, 1999): para ficar no campo da literatura, basta citar o precioso volume *Vlast' i khudójestvennaia intelligentsiia 1917-1953, Dokumenty TsK RKP(b)-BKP(b), VTCHK-OGPU-NKVD o kul'túrnoi politike*, Moscou, 1999). (A. Artizov, Oleg Naumov (org.)).
 - 10 A história completa relativa ao “caso *Whisperers*” pode ser consultada em: <<http://www.thenation.com/article/168028/orlando-figes-and-stalins-victims#axzz2dvCKWIXO>>, onde é possível ler o artigo de Peter Reddaway e Stephen F. Cohen (P. Reddaway, S. F. Cohen, Orlando Figes and Stalin’s victims, *The Nation*, 11.6.2012) que revelou o caso e a troca de cartas entre Figes e os autores do artigo.
 - 11 Cito, a título de exemplo, o artigo de Alan Barenberg (2011, p.21-40).
 - 12 O site do projeto é: <museum.gulagmemories.eu/>
 - 13 A Radio France Internationale é organizadora do Programa juntamente com o CER-CEC.
 - 14 O site oficial com todas as iniciativas do “Platform of European Memory and Conscience”, é <<http://www.memoryandconscience.eu>>.
 - 15 Muito embora faltassem participantes russos, constavam da lista importantes instituições nacionais dos países do Pacto de Varsóvia, tais como o Instituto para Estudo dos Regimes Totalitários (Ústav pro studium totalitních režimů) de Praga, o Museu da Ocupação da Letônia (Latvijas Okupācijas muzejs) de Riga e o Instituto para a Memória Nacional (Instytut Pamięci Narodowej) de Varsóvia.
 - 16 Cf. <<http://eu-russia-csf.org/home/projects/different-wars/>>.
 - 17 O site do Virtuálny Muziej Gulaga é <<http://www.gulagmuseum.org/>>.
 - 18 Cf. <<https://topos.memo.ru/>> e <<https://www.poslednyadres.ru/>>.
 - 19 Muitos dados contidos nos martirólogos foram disponibilizados na database virtual do site da associação: <vizz.nlr.ru/>.
 - 20 Cf. <<https://www.novayagazeta.ru/articles/2017/06/06/72709-vsya-eta-istoriya-provokaciya>>. Vários intelectuais, da Rússia ou do exterior, saíram em apoio a Dmitriev.
 - 21 Cf. <<http://www.gmig.ru/>>.
 - 22 Cito, apenas como exemplo, as pesquisas de Stephen F. Cohen de história oral compiladas no seu último volume (S. F. Cohen, *The Victims Return: Survivors of the Gulag After Stalin*, Exeter 2010).

- 23 Cf. *Kritika*, 16, 2015.
- 24 Limite-me a citar um título incluído na coletânea *Istóriia stalinizma v 100 tomakh* da Rosspen: J. Baberowski, *Der rote Terror. Die Geschichte des Stalinismus*, Munchen 2004 (edição russa: *Krásnyi terror: istóriia stalinizma*, Moscou 2007).
- 25 Duas coletâneas de ensaios de Schlögel foram editadas na Itália pela Mondadori (K. Schlögel, *Leggere il tempo nello spazio: saggi di storia e geopolitica*. Milano 2009; K. Schlögel, *Arcipelago Europa: viaggio nello spirito delle città*. Milano 2011). Dentre as monografias do historiador alemão, a mais importante sobre o tema da repressão soviética é: K. Schlögel, *Terror un Traum: Moskau 1937*. Munique, 2008.
- 26 Felicitas Fischer von Weikersthal, Karoline Thaidigsmann, (Her.), *(Hi-)Stories of the Gulag: fiction and reality*. Heidelberg, 2016.
- 27 Refirmo-me, por exemplo, aos estudos de Chalámov feitos por Valérii Essipov, que recentemente também assinou a biografia do escritor na série *Jizn zametchátelnykh liudiei*, da editora “Molodáia gvardiia» (V. V. Esipov, Chalámov, Moskva 2012).
- 28 A frase está contida em um post no blog da autora (*BASEES 2012 Highlights*), *lecturer* de literatura russa na School of Slavonic and East European Studies do University College of London.
- Cf. <<http://sarahjyoung.com/site/2012/04/02/basees-2012-highlights/>>.
- 29 Parte dessas perguntas foram antecipadas por Mauro Martini em seu livro *Oltre il disgelo*, no capítulo intitulado “La rimozione del GULag”. Cf. M. Martini, *Oltre il disgelo: la letteratura russa dopo l'URSS*. Milano 2002, p.47-63.
- 30 Os resultados principais estão contidos em uma série de estudos publicados pela Universidade de Ivánovo, dos quais o primeiro é: L. N. Taganov, *Potaiónnaia literatura: issliédovaniia i materialy*. Ivanovo 2000.
- 31 Literalmente “manchas brancas”, lacunas.
- 32 Sobre a poesia do gulag, há exceções felizes, contudo limitadas a uma consideração preliminar do problema. Refiro-me à introdução de Semión Vilenskii al volume –editado pelo Mejdunaródnii Fond “Demokrátiiia” – *Poéziiia uznikov gulaga* (S. Vilenskij, *Pre-dislóvie*, in S. S. Vilenskij, *Poéziiia uznikov gulaga. Antológuia*. Moscou 2005, p.5-13) e às pesquisas recentes de Claudia Pieralli. Lidei com o tema em diversas publicações: remeto o leitor a Andrea Gullotta, “Gulag poetry: an almost unexplored field of research”, in Felicitas Fischer von Weikersthal, Karoline Thaidigsmann, (Her.), *(Hi-)Stories of the Gulag: fiction and reality*. Heidelberg 2016, p.175-192.

Referências

- AFANÁSSIEV, I. N. et al. (Org.) *Istóriia stálinnskogo Gulaga: konets 1920kh - piérvaia polovina 1950-kh godov; sobránie dokumentov v 7 tomakh*. Moscou. 2004-2005.
- APPLEBAUM, A. *Gulag: A History*. New York: Doubleday, 2003.
- ARTIZOV, A. e NAUMOV, O. (Orgs.), *Vlast' i khudójestvennaia intelligentsiia 1917-1953, Dokumenty TsKRPK(b)-BKP(b), VTCHK-OGPU-NKVD o kul'túrnoi politike*, Moscou: Mezdunaróodnyi Fond Demokrátiiia, 1999.
- BABEROWSKI, J. *Der rote Terror. Die Geschichte des Stalinismus*. Munique: Deutsche Verlags-Anstalt, 2003. (Jörg Baberowski, *Krásnyi terror: istóriia stalinizma*. Moscou: Rosspen, 2007).
- BAKHTIN, V. (Org.) *Folklor i kul'túrnaia sredá gulaga*. São Peterburgo: Kraja Mosvky, 1994.

- BARENBERG, A. *'Discovering' Vorkuta: Science and Colonization in the Early Gulag*. *Gulag Studies*, n.4, p.21-40, 2011.
- BARNES, S. A. *Death and Redemption: The Gulag and the Shaping of Soviet Society*. Princeton: Princeton University Press, 2011.
- CEDERHOLM, B. *Au pays du Nep et de la Tchéka*. Paris: Tallandier, 1928.
- CHENTALÍNSKII, V, *Raby svobody*. Moscou: Parus, 1995.
- CIAMPA, M. *L'epoca tremenda: voci dal Gulag delle Solovki*. Brescia: La Morcelliana, 2010.
- COHEN, S. F. *The Victims Return: Survivors of the Gulag After Stalin*. Exeter: Publishing Works, 2010.
- CONQUEST, R. *The Harvest of Sorrow: Soviet Collectivization and the Terror-famine*. New York: Oxford University Press, 1986.
- DELL'ASTA, M.; SCARAFIA, L. (Org.) *La vita in uno sguardo: le vittime del Grande terrore staliniano*. Turim: Lindau, 2012.
- DUGUET, R. *Un bagne en Roussie rouge, Solovki: l'île de la faim, des supplice set de la mort*. Paris: Tallandier, 1927.
- DUNDOVICH, E.; GORI, F.; GUERCETTI, E. (Ed.) *Reflections on the Gulag: with a Documentary Appendix on the Italian Victims of Repression in the USSR*. Milano: Feltrinelli, 2003.
- ESSIPOV, V. *Chalámov*. Moscou: Molodáia gvárdiia, 2012.
- FIGES, O. *The whisperers: private life in Stalin's Russia*. New York: Metropolitan Books, 2007.
- GELLER, M. *Kontsentratsiónnyi mir i soviétskaia literatura*. London, Overseas Publications Interchange, 1974.
- GÓRKI, M.; AVERBAKH, L.; FIRIN, S. (Red.) *Belomorsko-Baltiiskii kanal imeni Stálinna. Istóriia stroitelstva 1931-1934 gg.* Moscou: Istorija Fabriki Zavodov, 1934.
- GORTCHEVA, A. *Pressa GULaga: 1918-1955*. Moscou: Izdatel'stvo Moskovskogo Universiteta, 1996.
- GULLOTTA, A. *Intellectual Life and Literature at Solovki 1923-1930: The Paris of the Northern Concentration Camps*. Cambridg: Legenda, 2017.
- KORALLOV, M. (Org.) *Teatr gulaga: vospominániia, ótcherki*. Moscou: Memorial 1995.
- KUZIAKINA, N. *Theatre in the Solovki Prison Camp*. Luxembourg: Harwood Academic Publishers, 1995.
- MALTSEV, I. *Vólnaia rússkaja literatura (1955-1975)*. Frankfurt/Main: Posev, 1976.
- MEDVIÉDEV, J. *Ten Years after Ivan Denisovich*, London: Macmillan, 1973.
- _____. *On Stalin and Stalinism*. Oxford: Oxford University Press, 1979.
- MELGUNOV, S. *'Krásnyi terror' v Rossii 1918-1923*. Berlin: Diakow, 1924.
- MOCHULSKY, F. *Gulag Boss. A Soviet Memoir*. Oxford: Oxford University Press, 2011.
- NIVAT, G. *Sur Soljenitsyne*. Lausanne: L'Age d'Homme, 1974.
- PANTANO, E. *Boris Cederholm, Au pays du Nep et de la Tchéka (Recensione)*, «Bibliografia fascista», 1929, 5-6, p.47-50.
- PONOMAREVA, V. (Org.) *Ekológiia i vlast'.* 1917-1990. Moscou: Mezhdunarodnyi Fond Demokratiiia, 1999.

- REED, J. *Ten Days That Shook the World*. New York: Boni and Liverlight, 1919.
- REVEL, J.-F. *Littérature russe clandestine*. Paris: Éditions A. Michel, 1971.
- SCHLÖGEL, K. *Terror und Traum: Moskau 1937*. Munique: Hanser, 2008
- _____. *Leggere il tempo nello spazio: saggi di storia e geopolitica*. Milano: Mondadori, 2009.
- _____. *Archipelago Europa: viaggio nello spirito delle città*. Milano: Mondadori, 2011.
- SOLJENÍTSYN, A. Odin dien Ivana Deníssovitcha. *Novyi Mir*, 11, p.8-74, 1962.
- _____. *Archipelag GULag*. Paris: YMCA-Press, 1974.
- TAGANOV, L. *Potaíonnaia literatura: issliédovaniia i materialy*. Ivanovo: Ivanovskij Gosudarstvennyj Universitet, 2000.
- TCHISTIÁKOV, I. *Diario di un guardiano del gulag*. Milano, Mondadori, 2012.
- TICHANOVA, V. (Org.) *Tvórtchestvo i byt GULAGa*. Katalog muzicínogo sobrániia Óbschestva Memorial. Moscou: Zvenia, 1998.
- TOKER, L. *Return from the Archipelago: Narratives of Gulag Survivors*, Bloomington, 2000.
- VILENSKI, S. (Org.), *Poézija uzníkov gulaga*. Antológuia. Moscou: Mejdunaródnij Fond Demokrátiia, 2005.
- WEIKERSTAHL, F. F. von. *Die "inhaftierte" Presse: das Pressewesen sowjetischer Zwan-
gsarbeitslager, 1923-1937*. Wiesbaden: Harrassowitz, 2011.
- WEIKERSTHAL, F. F. von; THAIDIGSMANN, K. (Org.) *(Hi-)Stories of the Gulag: Fiction and Reality*, Heidelberg: Universitätsverlag Winter, 2016.

RESUMO: Este artigo apresenta um panorama dos debates historiográficos, antigos e recentes, sobre a literatura produzida no complexo de campos de concentração soviéticos (o “gulag”). São examinados livros, congressos, instituições de pesquisa e organizações de memória dedicadas ao tema. O texto é concluído pela constatação da escassez de pesquisas voltadas às especificidades da literatura do gulag.

PALAVRAS-CHAVE: União Soviética, Gulag, Literatura soviética.

ABSTRACT: This paper presents an overview of recent and old debates on the literature created in Soviet concentration camp complexes (gulags), and examines books, conferences, research institutions and memory organizations dedicated to the matter. The article concludes with the observation that studies on the distinctiveness of Gulag literature are still scarce.

KEYWORDS: Soviet Union, Gulag, Soviet literature.

Andrea Gullotta é professor de russo na Universidade de Glasgow, Escócia, Reino Unido. @ – Andrea.Gullotta@glasgow.ac.uk

Tradução de Bruno Barretto Gomide. O original em italiano – “Il gulag e la letteratura del gulag di ambito russo: una rassegna delle ricerche alla luce del centenario della Rivoluzione Russa” – encontra-se à disposição do leitor no IEA-USP para eventual consulta.

Recebido em 25.9.2017 aceito em 9.10.2017.

¹ Universidade de Glasgow, Escócia, Reino Unido.